

# MALHAS QUE A MEMÓRIA TECE

CADERNOS DO COMBATE #1 TEXTOS PUBLICADOS ENTRE 1988 E 1998

**FRANCISCO LOUÇÃ**

**JOÃO MARTINS PEREIRA**

**JOÃO CARLOS**

**INÊS FONSECA**

**LUÍS BRANCO**

**JOÃO PAULO COTRIM**

**MIGUEL PORTAS**

**CARLOS CARUJO**

**JORGE COSTA**

**PAULO PENA**

**JORGE SILVA MELO**

**J. FELICIDADE ALVES**

**CELSO CRUZEIRO**

**ANTÓNIO LOUÇÃ**

**EDUARDA DIONÍSIO**



821.134.3-  
-92  
41987/1997  
REAL

**SAINT-SIMON:  
A «INDÚSTRIA»  
ENQUANTO UTOPIA**

**João Martins Pereira**

**D**e família aristocrata semiarruinada, Claude-Henri Saint-Simon parte aos 19 anos para a América, como outros franceses ilustres, que vêem na independência das colónias inglesas de além-Atlântico o sinal de que uma época histórica está a chegar ao fim. Por lá combateu, regressando alguns anos depois. Nos primeiros tempos da Revolução Francesa, vemo-lo presidente eleito de uma assembleia de camponeses, a quem declara renunciar ao título de conde, «que olho como muito inferior ao de cidadão», e ser baptizado revolucionariamente como Claude Bonhomme. Nem por isso deixa de aproveitar, para fazer bom dinheiro, a venda dos bens do clero expropriados.

Atravessa, ainda assim, sem excessivos percalços a dezena de anos que conduzem Napoleão ao poder. E é já entrado nos quarenta, nos primeiros anos do século XIX, que irá iniciar a sua obra de «pensador social», que se desenrola por várias fases até à sua morte, em 1825.

Ao seu projecto chamariam hoje alguns, do alto do seu credo liberal, de «engenharia social e política». Nada menos do que reorganizar toda a sociedade (quando não mesmo «a humanidade») sobre novas bases: a ciência e a indústria. Dito deste modo sumário, poderá parecer, nos nossos dias, uma banalidade. Mas não é tão simples como isso.

Na realidade, a França de então era um país essencialmente agrícola (mesmo em Inglaterra, a Revolução Industrial dava apenas os primeiros passos) e, até 1815, em permanente estado de guerra. Depois disso veio uma «Restauração» monárquica, em que boa parte da aristocracia julgou retomar o antigo poder, ao módico preço de concessões de fachada ao «parlamentarismo».

Mas Saint-Simon não se ilude. Estudioso aplicado de física, matemática, filosofia e história, dirá um dia que «só a observação filosófica do passado pode permitir um conhecimento exacto dos verdadeiros elementos do presente». Daí lhe terá vindo a percepção clara de que a Revolução Francesa foi o resultado de uma «luta de classes entre a nobreza, a burguesia e os não-possidentes». Daí também a sua avaliação da situação europeia como um desses «períodos de crise» em que,

segundo ele, germinam as ideias que virão a «amadurecer» e frutificar nos «períodos orgânicos», de estabilidade e progresso, que sempre acabam por lhes suceder, ao longo da História.

Produzir as novas ideias, num tempo em que elas próprias estão em crise, é esse justamente o seu desígnio. Ora, até então «o método das ciências da observação [exactas] ainda não foi introduzido nas questões políticas» e «chegou o momento de cessar esta infância da ciência», questão que, aliás, ainda confunde muitas cabeças neste fim do século XX. Saint-Simon propõe-se, num primeiro tempo, a ambição de aplicar às questões sociopolíticas a lei da gravitação universal. E apela aos cientistas: «Meus Senhores, só tenho uma paixão, a de pacificar a Europa; e só uma ideia, a da reorganização da sociedade europeia». E como «o poder deve ser repartido na proporção das Luzes», os físicos são chamados a presidir à «instituição política que visar a organização geral da humanidade». Será o «Conselho de Newton».

Os cientistas ignorá-lo-ão, e ele acusá-los-á em 1813, de, enquanto a Europa se autodestrói, «serem eles quem aperfeiçoa os meios de destruição, quem está à cabeça dos artilheiros a dirigir os ataques». Diga-se desde já que o nosso século foi bem mais longe neste ponto, sem que a comunidade científica tenha saído particularmente beliscada (os gases de 1-4-18, os de Auschwitz, a bomba atômica, as sofisticadas tecnologias da Guerra do Golfo...).

Em fins de 1814, quando tais heresias seriam fatalmente impopulares, dá a um opúsculo sobre a «Reorganização da sociedade europeia» o subtítulo «Da necessidade e dos meios de reunir os povos da Europa num único corpo político, conservando cada um a sua independência nacional» - quando, afinal, eram então bem poucos os povos/nações europeus independentes. Concede mesmo uma união entre a França e a Inglaterra, com parlamento único, moeda comum, banco comum, comércio concertado, etc. etc., a que mais tarde esperava que aderissem a Alemanha e os outros países, desembocando numa «Europa desarmada». Talvez seja este último pormenor que levou os «federalistas» dos nossos dias a nunca invocarem Saint-Simon entre os pais-fundadores da «ideia europeia»...

E é então que, já descrente da sua capacidade para mobilizar os cientistas, decididamente aposta na «indústria», conceito muito amplo englobando tudo o que considerava «trabalho produtivo»: todos os que tinham uma actividade útil à sociedade, por oposição aos «ociosos». Ficou célebre, e valeu-lhe um processo, a sua «parábola» em que se interroga sobre o que seria da França se morressem de uma assentada os homens mais destacados «que possui nas ciências, nas Belas-Artes e nos ofícios produtivos» (que enumera exaustivamente, profissão a profissão, desde os engenheiros e chefes de indústria aos pedreiros e carpinteiros): «seria necessária pelo menos uma geração inteira para reparar esta catástrofe». Para depois lhe opor a suposta morte de toda a aristocracia, ministros, funcionários, marechais, cardeais, juizes, proprietários nobres, etc., o que por certo «afligiria os franceses, porque são homens bons», mas «não lhes causaria mais do que um dano sentimental, pois não resultaria daí qualquer mal político para o Estado».

No «Catecismo dos Industriais» e em vários jornais efémeros vai-se, pois, dedicar a desenvolver a ideia do «regime (ou sistema) industrial», chegando a imaginar a existência de três Câmaras: a de «Invenção», em que os inventores e artistas lançariam ideias para o «futuro da espécie humana»; a de «Exame», onde os cientistas as traduziriam em projectos; e enfim a de «Execução» em que os chefes de indústria as avaliariam, seleccionariam e poriam em execução. A «administração das coisas» viria tomar o lugar do «governo dos homens». Apela aos industriais para que «ocupem o primeiro lugar na sociedade», por serem a «classe mais importante de todas e a única auto-suficiente», pois da sua iniciativa e da sua fortuna dependem todas as outras. Mas, paladino da «harmonia universal», apela-lhes também a partilhar a riqueza com os seus operários, que carecem de trabalho e de pão, em nome do «sentimento de união» que naturalmente deve nascer entre todos os produtores.

Nos últimos anos, desiludido também com a «timidez» dos industriais, redescobre a mensagem evangélica, e escreve o «Novo cristianismo», por esse lado aproximando-se cada vez mais dos «menos des-



favorecidos». Quando morre, quase desconhecido, os seus discípulos mais chegados lançam-se na aventura do «saint-simonismo», que desembocará anos mais tarde numa estranha mistura de «seita» caricata com engenheiros e banqueiros «de sucesso», como diríamos hoje.

Nesta outra época «de transição» que atravessamos, que dizer deste pensamento, misto de lucidez premonitória e de delírio? Nada se passou como Saint-Simon previa, ou propunha. Os grandes industriais, que na verdade só chegariam muito mais tarde (em França, só na 2.<sup>a</sup> metade do século), nunca, até hoje, quiseram assumir directamente o poder, e muito menos, é claro, os cientistas.

Sempre deixaram ao «governo dos homens» as tarefas da ordem, das leis favoráveis aos negócios, da protecção militar aos seus empreendimentos coloniais. Entre o capital e o trabalho, o conflito permaneceu insanável - e quantos milhões, neste momento (numa Europa com aspectos tão afins ao que Saint-Simon imaginou) não continuam a clamar por trabalho, e mesmo por pão em tantos casos. A sociedade nunca foi «cientificamente organizada», mas foi-o o trabalho nas fábricas e nas empresas. Os cientistas, pagos em boa parte pelos industriais (como já então sublinhava Saint-Simon), deram-lhes em troca os meios para aumentar a produtividade, lançar novos produtos (negócios) e reduzir os custos do trabalho - para além de continuarem a alimentar os governos com meios de destruição que há dois séculos não seria possível imaginar.

Não será exagero, no entanto, salientar que, de algum modo, a ciência e a indústria «comandam» hoje a humanidade - muito mais do que os governos, em todo o caso. Neste ponto, a «utopia» saint-simoniana, por caminhos ínvios, não está tão longe assim da realidade da «nova ordem mundial». Mas já a eliminação dos gastos com os exércitos (em que Saint-Simon via a fonte indispensável dos fundos necessários para «assegurar trabalho a todos»), está tão distante como no seu tempo.

Enfim subsiste a questão do «poder espiritual» que Saint-Simon atribuía aos artistas, escritores e criadores, numa intuição notável do

papel vital do conhecimento não-científico no desenvolvimento das sociedades (ele, que, como se viu, começou por um «cientismo» sem limites). Também aí a utopia não avançou um passo. Pelo contrário. O «poder espiritual» está cada vez mais nas mãos dos ideólogos do mercado, dos média, das mensagens publicitárias, e de tudo o que a veia pós-modernista fez entrar no domínio da «cultura».

Entre o sonho saint-simoniano da «harmonia universal» e a «cultura» da competição e da exclusão, ou os negócios do embrutecimento e do genocídio - o espaço é vasto para um pensamento a que muitos continuarão a chamar «utópico». O que será reconfortante.

*Fevereiro 1995*

**Neste Caderno do Combate convergem textos sobre revoluções e revolucionários que marcam a nossa memória.**

**Dos socialistas utópicos aos pacifistas e à desobediência civil. De Trotsky e Bukharine a Gramsci e Che Guevara. Da revolução zapatista às revoltas de Paris e Praga. Do Maio de 68 às revoltas que abriram caminho ao 25 de Abril.**

**Textos escritos com vontade para um jornal de circulação demasiado restrita, que combateu a indiferença e o conformismo e teve tantas e tão saborosas vitórias.**